

# TIMBRES DE *MNEMOSYNE*: DAS VOZES INAUDÍVEIS QUE COMPÕEM A HISTÓRIA

*TIMBRES OF MNEMOSYNE:*

*FROM INAUDIBLE VOICES THAT COMPOSE HISTORY*

**Rita Luciana Berti Bredariolli**  
**UNESP**

## Resumo

No fronteiro limiar do século XIX para o XX, Aby Warburg diria que uma “postura de respeito histórico” poderia devolver o “timbre” a “vozes inaudíveis”, evocando as minúcias como constitutivas do trabalho historiográfico. O timbre é particularidade. Sua apreensão resulta da relação indissociável entre emissão e percepção. Por esse sentido, o trabalho de criação historiográfica consistiria em atenciosa “escuta” para a revelação das nuances de vozes ainda imperceptíveis. O que estaríamos a “escutar”? O que estaríamos a reverberar ao desenvolver um trabalho historiográfico? Quais vozes são, ainda, mantidas inaudíveis? Essas perguntas, engendradas no encontro com algumas das “imagens de pensamento” de Aby Warburg, com leituras dessas imagens e com textos que instauram reposicionamentos críticos a partir da explicitação dos procedimentos e efeitos de processos coloniais, fundaram esse texto. Há lugares de enunciação (espaços epistêmicos) partilhados por Aby Warburg. Nesse texto, especificamente, serão tratados aqueles com Earl Barnes, Karl Lamprecht, Edward B. Tylor em “atualização” com o texto “O direito a olhar” de Nicholas Mirzoeff e com a performance “Descolonizando o conhecimento” de Grada Kilomba.

## Palavras-chave:

Imagem; história; Aby Warburg; “primitivo”; colonização.

## Abstract

*At the border threshold of the 19th to the 20th century, Aby Warburg would say that a “posture of historical respect” could return “timbre” to “inaudible voices”, evoking minutiae as constitutive of historiographic work. The timbre is particularity. Their apprehension results from the inseparable relationship between emission and perception. Thus, the work of creating historiography would consist of attentive “listening” to reveal the nuances of voices that are still imperceptible. What would we be “listening” to? What would we be reverberating when developing a historiographical work? Which voices are still kept inaudible? These questions, engendered in the encounter with some of Aby Warburg’s “images of thought”, with readings of these images and with texts that establish critical repositioning from the explanation of the procedures and effects of colonial processes, founded this text. There are places of enunciation (epistemic spaces) shared by Aby Warburg. In this text, specifically, those with Earl Barnes, Karl Lamprecht, Edward B. Tylor in “update” will be treated with the text “The right to look” by Nicholas Mirzoeff and with the performance-lecture “Decolonizing knowledge” by Grada Kilomba.*

## Keywords:

*Image; history; Aby Warburg; “primitive”; colonization.*

*Muitos mundos existiram antes deste.*

*Nossas histórias tradicionais estão firmemente entrelaçadas com o tecido do nascer e morrer de mundos. Através desses cataclismos nós recebemos muitas lições que moldaram quem somos e como somos uns com os outros. Nossos modos de existência são informados na busca pela harmonia através da destruição de mundos. A Elipse. Nascimento. Morte. Renascimento.*

*Temos um sem-número de histórias sobre histórias do mundo que é parte de nós. É a linguagem do cosmos, ela fala através de profecias há muito cravadas nas cicatrizes onde nossos ancestrais sonhavam.*

*É a dança-fantasma, as sete fogueiras, o nascimento do Búfalo Branco, a sétima geração, são os cinco sóis, está escrita em pedra perto de Oraibi e além. Essas profecias não são só preditivas, elas também são diagnósticas e instrutivas.*  
*Indigenous Action*

*Quando eu falo? O que é que você escuta?  
E o que é que você não quer escutar?  
Qual conhecimento você reconhece como tal?  
E qual conhecimento continua desconhecido?  
Grada Kilomba*

No decurso da transformação do século XIX em XX, Aby Warburg divulga seu texto “A arte do retrato e a burguesia florentina”. Dedicado à sua companheira, a artista Mary Hertz, esse seu escrito tem como epígrafe um elogio à particularidade. De *Ricordi politici e Civili VI* por Francesco Guicciardini, o autor toma a chave de leitura para essas suas elaborações:

É um grande erro falar dos assuntos do mundo em termos indistintos e absolutos e - por assim dizer - como regra; quase sempre eles envolvem distinções e exceções, pois as circunstâncias variam, e nunca podem ser submetidas à mesma medida. Essas distinções e exceções não são encontradas em livros, só podem ser ensinadas por discernimentos maduros (GUICCIARDINI *apud* WARBURG, 2013, p. 121).

Um elogio à particularidade e, também, à vivência, como fundamental ao alcance da identificação das “distinções e exceções” que envolvem os “assuntos do mundo”. Elogio firmado em sua “nota preliminar” em reconhecimento à “personalidade superior” de Jakob Buckhardt. Esse “conhecedor e erudito genial”, dotado de “altruísmo científico” não se deixou sucumbir à inclinação - tentadora - autocrática de “tratar o problema histórico-cultural em toda a sua unidade artística encantadora”. Com “toda a serenidade” contemplou-o em partes, legando uma “semeadura” sem importar-se com quem “ceifaria os frutos”. Como “investigador incansável” teria deixado em sua obra póstuma “Contribuições para a história da arte italiana”, um

terceiro caminho empírico: não se esquivou do trabalho de investigar cada obra individualmente em seus vínculos imediatos com o contexto contemporâneo para assim compreender as exigências da vida real como “causalidades” (WARBURG, 2013, p. 122).

Em sequência, seu texto é iniciado pela relevância do vínculo decisório entre “criador e objeto criado”. A vitalidade necessária e requerida ao trabalho de criação artística - ou, diríamos em desdobramento expansivo, de criação historiográfica -, suas “forças impulsionadoras” eclodem de um “contato íntimo” que propiciaria a geração de um “âmbito de relações mutuamente inibidoras e motivadoras”, cujas agências delineariam a particularidade. O “desejo” de um “comitente” em assemelhar-se a um “tipo dominante em sua aparência externa, ou ao contrário”, ou a preferência por um relevado pormenor de sua personalidade, incidiriam como interferência na “arte do retrato, enfatizando ou o típico ou o individual”, diria Warburg em argumentação introdutória ao desenvolvimento do tema central desse seu texto. O Detalhe. Algo caro a Aby Warburg. O “bom deus” moraria nos detalhes. Célebre ditado tornado, por insistência de seu uso, em marca warburguiana. Sobrevivente em jogo de linguagem ativado por interlocução atualizada<sup>1</sup>, a variação desse ditado uma vez foi lida, como lamento melancólico - e poderia não ter sido, pela sugestão de multiplicidade de sentidos - sobre um muro em uma cidade argentina. Na

pixação anônima, “Deus não estaria mais nos detalhes de hoje”.

Pelo jogo dialético, Georges Didi-Huberman (2011) também mobilizou a frequência desse enunciado. Um “pequeno demônio” moraria nas relações íntimas e secretas do entremeadado de imagens de *Mnemosyne*. Um “gênio diabólico” estaria aninhado na particularidade dos detalhes da constelação de analogias e correspondências própria do movimento da imaginação, ativado pela montagem de suas imagens. A configuração de *Mnemosyne*, deusa da memória e mãe das musas, por Aby Warburg, revela sua íntima conformidade à imaginação e o apreço de seu criador pelos detalhes, incluindo aqueles que ainda estão imperceptíveis, inertes à espera de sua ativação, de sua transformação em imago.

Vozes inaudíveis sobreviventes, tornadas perceptíveis pela ação de “uma postura de respeito histórico” que pode devolver seus timbres pelo trabalho de recuperação do “vínculo natural entre palavra e imagem”:

Florença, o berço da cultura urbano-mercantil moderna e autoconfiante não nos legou retratos de pessoas há muito falecidas em uma vivacidade cativante e uma abundância incomparável. Em centenas de documentos já lidos, e em outros milhares ainda não lidos, as vozes dos mortos continuam vivas. Uma postura de respeito histórico pode devolver o timbre a essas vozes inaudíveis, dado que nos damos ao trabalho de recuperar o vínculo natural entre palavra e imagem (WARBURG, 2013, p. 123).

O timbre designa a particularidade. É distinção e variabilidade. Indicação do que é único em um conjunto comum. O detalhe. A qualidade sonora que faz ressaltar a diferença de som em uma mesma frequência, altura e intensidade e que não se conclui pela emissão. A apreensão do timbre acontece no entremear da relação entre o som e a sua escuta, entre “criador e objeto criado”. A identificação e devolução dos timbres a vozes inaudíveis dependem de uma dedicação atenciosa aos detalhes e nuances, revelando as “distinções e exceções” que envolvem os “assuntos do mundo”. Essas que “não são encontradas em livros”, somente “ensinadas por discernimentos maduros”.

Quais seriam as vozes inaudíveis, sobreviventes que constituem o “pensamento imagem”<sup>2</sup> de Aby

Warburg? Quais silêncios ou silenciamentos são mantidos reverberantes na sobrevivência desse pensamento por sua apreensão? Quais timbres foram devolvidos? Quais timbres ainda não foram escutados? Quais detalhes e nuances, “distinções e exceções” não foram ainda apreendidas?

A emergência do pensamento de Aby Warburg, sua recepção e operacionalização, sua repercussão, sobretudo em contextos brasileiros, é recente e ainda em processo de reconhecimento. Vale, para dimensionarmos a reverberação da poética warburguiana por suas comentadoras e comentadores em tempos e espaços distintos, a leitura de “Reflexões sobre a recepção crítica de Aby Warburg” de Serzenando Alves Vieira Neto. A entrada a esse panorama espaço-temporal é aberta em território brasileiro destacando algumas publicações ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, incluindo as traduções de “A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg” de Georges Didi-Huberman e “Aby Warburg e a imagem em movimento” de Phillipe-Alain Michaud, ambas de 2013. Em ambos os textos é reafirmada a anunciada origem<sup>3</sup> do *BilderAtlas Mnemosyne* como o encontro de Aby Warburg com a cultura dos “primitivos” *Pueblos Indians*. Uma dívida intelectual reiterada, geralmente sob preservação romanesca, o que talvez seja também repetido aqui, por fundação epistemológica e estética da subjetividade que se manifesta pela escrita desse texto.

Um *Pueblo* é uma nação tribal; um corpo de terra sob uma estrutura governamental tribal; e uma comunidade formada por pessoas relacionadas com sistemas de crenças, espiritualidade e estilo de vida semelhantes.

Existem 19 Pueblos no estado do Novo México. São eles: Acoma, Cochiti, Isleta, Jemez, Laguna, Nambe, Picuris, Pojoaque, Sandia, San Felipe, San Ildefonso, Ohkay Owingeh, Santa Ana, Santa Clara, Santo Domingo, Taos, Tesuque, Zia e Zuni.

Existem três famílias de idiomas: Keresan, Tanoan e Zunian. Existem 5 dialetos de idiomas reconhecidos: Zuni, Keres, Tiwa, Towa e Tewa.

Zuni Pueblo tem a maior população tribal inscrita no Novo México, com cerca de 10.000 pessoas. Pojoaque e Picuris Pueblos têm as menores populações, com cerca de 300 membros tribais registrados cada.

Existem 23 tribos no estado do Novo México: 19 tribos Pueblo mais as tribos Navajo (Diné), Jicarilla Apache, Mescalero Apache e Fort Sill Apache.

(...)

O povo Hopi está intimamente relacionado com os Pueblos, mais com Zuni. Hopi está localizado no nordeste do Arizona. Os povos Hopi e Pueblo compartilham crenças semelhantes, mas são aldeias independentes com suas próprias estruturas de liderança.

(...)

A Revolta dos Pueblo de 1680 foi uma revolução bem-sucedida contra as instituições religiosas, econômicas e políticas espanholas impostas aos Pueblos. É a única revolta indígena bem-sucedida contra um poder colonizador na América do Norte e resultou na remoção dos espanhóis das terras de Pueblo por mais de uma década. A Revolta de Pueblo ajudou a garantir a sobrevivência das tradições culturais, terra, idioma, religião e soberania dos Pueblo.

As formas de arte Pueblo tradicionais incluem tecelagem, cerâmica, fabricação de tambores, jóias e bordados. Hoje existem artistas Pueblo criando obras tradicionais e contemporâneas em todos os gêneros. Saiba mais sobre as formas de arte Pueblo (INDIAN PUEBLO CULTURAL CENTER, 2022a)<sup>4</sup>.

Existem 19 tribos Pueblo no Novo México, e cada Pueblo é uma nação soberana. Hoje, as pessoas Pueblo estão localizadas principalmente no Novo México, no entanto, ao mesmo tempo em que nossa pátria alcançou o que hoje é o Colorado e o Arizona, onde estabelecemos moradias e centros comerciais incríveis como os localizados no Chaco Canyon, no noroeste do Novo México, e Mesa Verde, no sudoeste do Colorado. O povo Pueblo preservou nossa identidade diante de várias nações colonizadoras e hoje, como sempre, valorizamos nossa identidade e modos de vida tradicionais. Ao mesmo tempo, vivemos em casas modernas, trabalhando e vivendo dentro e fora de nossas reservas. Nossas crenças e ações ainda são guiadas pelos valores fundamentais do povoado indígena, que incluem amor, respeito, compaixão, fé, entendimento, espiritualidade, equilíbrio, paz e empatia. Continuamos participando de nossas celebrações e cerimônias tradicionais ao longo do ano, mantendo nossa conexão com nossas comunidades, nossos ancestrais e a terra (INDIAN PUEBLO CULTURAL CENTER, 2022b)<sup>5</sup>.

Indistintamente o termo “primitivo”, por vezes acompanhado de aspas, por outras desprovido de qualquer particularidade, circula em certa naturalidade nas leituras feitas sobre a obra de Aby Warburg quando em relação ao seu encontro com as pessoas e suas manifestações culturais integrantes das nações *Pueblos* e *Hopi*. Leituras elaboradas frequentemente em interlocução com a célebre palestra realizada no sanatório de Kreuzlingen. Originalmente intitulada *Bilder aus dem Gebiet der Pueblo-Indianer in Nord-Amerika*, postumamente organizada e traduzida como *A*

*Lecture on the Serpent Ritual*, título que teria sido atribuído por Fritz Saxl, responsável por sua edição em 1939 (FREEDBERG, 2020). Nessa tradução criada por W. F. Mainland e publicada no *Journal of the Warburg Institute*, há uma inserção de nota logo ao final da segunda linha do seguinte período: “As observações nas quais essa palestra é baseada foram coletadas no curso de uma viagem aos *Pueblo Indians* realizada vinte e sete anos atrás”<sup>6</sup>. A nota é uma referência ao contexto dessa apresentação, situada no “dia 25 de Abril de 1923” e dedicada a uma audiência “não profissional”. Menciona seu título original como *Reminiscences from a Journey to the Pueblo Indians*. A variação desse título deixa rastros constelacionais entre memória, imagem, deslocamentos e territórios, nos legando profícuas relações. Ainda nessa referência, cuidou-se em destacar a falta de intenção dessa publicação por seu autor, evidenciando o objetivo da palestra como manifestação de uma “experiência pessoal” (WARBURG; MAINLAND, 1939, p. 277)<sup>7</sup>.

As “Imagens” de Aby Warburg de sua jornada aos territórios das nações *Pueblo* e *Hopi* é resultado de um movimento de rememoração durante o rearranjo de anotações e imagens produzidas, apesar de certa contrariedade notada (FREEDBERG, 2022, p. 13). O título original evoca o de outra palestra realizada em 16 de março de 1897 na *Free Photographic Union of Berlin*. Essa, intitulada “Imagens da vida dos *Pueblo Indians* na América do Norte”, uma das três conferências apresentadas após seu retorno, todas elaboradas pela relação texto e imagem fotográfica, “canto da natureza visto através de uma Kodak” (STEINBERG, 1995, p. 95).

Entre os meses finais de 1895 e início de 1896 Aby Warburg teria visitado o território da nação *Zuni* e as comunidades *Walpi* e *Oraibi* da nação *Hopi*, as que apresentavam “as mais velhas características em sua mais pura forma” pela dificuldade de acesso (WARBURG; MAINLAND, 1939). Também integrou esse itinerário as nações *Laguna*, um “bom exemplo de um povoado pueblo”, *Cochiti*, *Acoma* e *San Idelfonso*, seguindo a ordem das menções da edição de 1939. Na “romântica” *Acoma*, teria tido a oportunidade de observar “os Índios sob a interferência direta do Catolicismo oficial”, algo pelo qual ansiava (WARBURG; MAINLAND, 1939, p. 280)<sup>8</sup>. Das imagens produzidas pela insistência

de Warburg durante a viagem, algumas são de sua autoria, como a da “Garota de Laguna carregando água”. Nela Warburg viu uma ninfa. A postura ereta e centralizada também nos permite ver as representações de Eckhout, dentre outros olhares estrangeiros. Outras aconteceram por solicitação sua, como o “cosmológico desenho” de Cleo Jurino, ou o “desenho de um estudante Indígena”, como enunciado nas legendas que acompanhavam essas imagens na publicação de 1939.

Os territórios visitados, tanto os das nações *Pueblo*, como o da nação *Hopi*, estão localizados na região de *Mesa Verde*, nome derivado de sua topografia. Área localizada no que é conhecido como *Four Corners*, indicado pela intersecção dos “cantos” de quatro estados norte-americanos: Colorado, Utah, Arizona e Novo México. Grande parte dessa região está incluída no *Mesa Verde National Park* criado em 1906. Uma das fontes que teria animado essa jornada de Warburg teria sido o livro *The Cliff Dwellers of the Mesa Verde* escrito por Gustaf Nordenskiöld e publicado em 1893, cinco anos após Richard Wetherhill ter “descoberto” nessa região a arquitetura de Anasazi, o “povo antigo”. Aby Warburg teria lido o livro em outubro de 1895, referência descrita como inspiração de sua viagem em suas notas de 1923 para a elaboração da palestra de Kreuzlingen. O primeiro local visitado por Warburg teria sido a casa de Wetherhill (STEINBERG, 1995, p. 62).

*Walpi, Waalpi, Ash Hill Terrace, Gaspe, Gualpi, Hualpi, Kuchapturela, Valpee, Wolpi* fica situada na chamada “Primeira Mesa” e *Oraibi* ou *Orayvi* na “Terceira Mesa” dos territórios *Hopi*.

Por mais de 2.000 anos, os Hopi vivem na região conhecida hoje como Four Corners [...] Sua reserva, localizada no nordeste do Arizona, ocupa cerca de 1,5 milhão de acres, compreendendo apenas uma pequena porção de suas terras tradicionais [...]

As terras Hopi passaram ao controle do governo dos EUA com o Tratado de Guadalupe-Hidalgo em 1848. Com o retorno dos navajos à área em 1868 após o exílio forçado em Bosque Redondo, um tratado com o governo federal concedeu a eles 3,5 milhões de acres que incluíam suas terras de Canyon de Chelly, localizadas cerca de 150 quilômetros a leste das mesas Hopi.

No final do século XIX, os colonos mórmons entraram na área, e com a chegada da estrada de ferro de Santa Fé cidades começaram a aparecer desconfortavelmente perto das aldeias Hopi [...]

Na maioria das vezes, eles evitaram a interação com funcionários do governo dos EUA. No final de 1800, *Indian agents* dos EUA queriam enviar as crianças Hopi para internatos, porém não tinham jurisdição porque as aldeias Hopi não estavam em terras de reserva indígena estabelecidas. Em 16 de dezembro de 1882, o Presidente Chester A. Arthur estabeleceu a Reserva Hopi por Ordem Executiva. Em um documento manuscrito, ele definiu um limite arbitrário entre as linhas de 110 a 111 graus de longitude oeste e 35 graus 30 minutos a 36 graus 30 minutos de latitude norte. A reserva de 2,5 milhões de acres não englobava grande parte de suas terras tradicionais, importantes santuários cerimoniais ou sua vila de Moencopi.

De 1868 a 1934, quando a Reserva Navajo cresceu de 3,5 milhões para 16 milhões de acres, cercou e diminuiu a Reserva Hopi. Hoje, a Reserva Hopi ocupa apenas 1,5 milhão de acres.

A chegada da estrada de ferro de Santa Fé no norte do Arizona, no início da década de 1880, teve um profundo impacto sobre os Hopi. A Ferrovia e a Fred Harvey Company perceberam o lucrativo potencial turístico da Reserva Hopi, especialmente por estar tão perto do Grand Canyon [...] A empresa trouxe Hopis para as instalações turísticas que construiu no Grand Canyon Village, na orla sul, empregando pessoas da reserva para trabalhar na Hopi House e realizar danças para os visitantes, mas também levaram visitantes para as aldeias Hopi. As empresas ofereceram uma variedade de excursões que levaram turistas pela Estrada Navahopi (construída em 1924) até a Reserva Hopi, onde podiam se misturar com membros da tribo, comprar lembranças e testemunhar eventos culturais.

Os Hopis adotaram uma constituição e criaram um conselho tribal em 1936. O governo federal dissolveu o conselho em 1943 porque não estava cumprindo um mandato de redução da pecuária para lidar com o problema do excesso de pasto. No entanto, o conselho foi reformado em 1951, principalmente para criar um órgão governamental oficial para lidar com os direitos de minerais e água. Embora a maior parte do Black Mesa, com seus grandes depósitos de carvão, estivesse na Navajo, as duas tribos compartilhavam os direitos de minerais e água na região. Em 1963, os Hopis haviam aprovado arrendamentos de exploração de petróleo e gás para empresas não-indígenas no valor de vários milhões de dólares. Em 1966, as tribos Hopi e Navajo assinaram contratos com a Peabody Western Coal Company por direitos minerais em 64.858 acres de Black Mesa. Peabody também ganhou direitos para bombear água do aquífero subjacente. A empresa tinha contratos de 35 anos para fornecer carvão à Estação Geradora Mohave de 1.580 megawatts em Laughlin, Nevada, e à Estação Geradora Navajo que será inaugurada em breve perto de Page, Arizona. Em 1970, a Peabody Coal Company começou a mineração de tiras em Black Mesa. Essa eletricidade ajuda a abastecer cidades e indústrias no sul da

Califórnia, Phoenix, Tucson e Las Vegas. Embora a receita dessas operações traga muito dinheiro e empregos, as tribos também sofrem com a poluição do ar, a degradação ambiental e o declínio de seus preciosos aquíferos e nascentes causados pelas minas e usinas de energia (ARIZONA STATE UNIVERSITY, 2022)<sup>9</sup>.

Em janeiro de 2019, uma carta aberta em nome da "Tribo Hopi" foi endereçada aos líderes congressistas do Arizona solicitando apoio e denunciando os impasses com o governo americano pela manutenção de serviços essenciais ao "nosso povo Hopi-Tewa". Suspensão "desnecessária e negligente" expondo vidas em risco pela falência de ações que violam obrigações legais. Agências federais como *Bureau of Indian Affairs* ou *Indian Health Service*, e outras que "proveem críticos serviços governamentais" foram retidas pelo financiamento de um "muro na fronteira sul" (THE HOPI TRIBE, 2022). O muro de fronteira planejado pelo governo norte-americano ameaça territórios Hopi considerados sagrados, incluindo uma rota de migração cerimonial (HEINSIUS, 2022).

Nas reminiscências de sua "experiência pessoal" com as nações *Pueblo* e *Hopi* nos fins de 1895 e meses iniciais de 1896 - traduzidas e editadas por pessoas, tempos e lugares diferentes, tornando-a ela mesma sobrevivência, reverberação gestual em variação e persistência, em potência - o termo "primitivo" é presente. No texto traduzido em 1939 por Mainland, por exemplo, a palavra aparece logo no parágrafo inicial do texto como identificação de uma cultura ancestral. Para Steinberg, o desejo de reintegrar a arte em uma interpretação cultural levou Warburg a recuperar o fenômeno da produção cultural em uma sociedade "primitiva" (STEINBERG, 1995, p. 60):

Espero que a direta evidência das fotografias possa levá-los para além de minhas palavras, e dar-lhes alguma ideia de uma civilização que está morrendo e de uma questão que é de suma importância para o estudo da civilização em geral: a quais elementos temos o direito de requerer como características essenciais do paganismo primitivo? (WARBURG; MAINLAND, 1939, p. 277)<sup>10</sup>.

No último parágrafo dessa mesma introdução, ainda na primeira página do texto, outra pergunta é exposta como diretriz:

Até que ponto esses remanescentes da cosmologia pagã ainda presentes entre os Índios Pueblo nos ajudam a entender a evolução do paganismo primitivo, através da altamente

desenvolvida cultura pagã da antiguidade clássica, até o homem civilizado moderno?<sup>11</sup> (Idem)

Esse trecho da edição de Saxl é contestado por David Freedberg (2022, p. 04). Em nota o autor reproduz a questão como "o próprio Warburg a apresentou em sua palestra". Nessa que Freedberg chama de "dúbia teleologia", originalmente, não constavam os termos "altamente desenvolvido [highly developed]" e "civilizado [civilized]", que teriam sido inseridos por Mainland e "(presumivelmente)" por Saxl<sup>12</sup>.

Nas notas elaboradas por Warburg para sua palestra, como apresentadas por Steinberg (1995), o termo "primitivo", é usado com variação gráfica. Junto a uma decisiva substituição da expressão "cultura artística"<sup>13</sup>, é inserido como suspensão entre aspas, além de acompanhado por um ponto de interrogação entre parênteses<sup>14</sup>. Na edição alemã de 1988 aparece antecedido pela locução "assim chamado"<sup>15</sup>, como também o foi na página 282 da edição de 1939<sup>16</sup>. Sugestões, talvez, de uma oscilação inquisitiva, sem deixar de indicar sua aproximação basilar com as teorias evolucionistas. Junto a esses debates, o interesse pelo desenho infantil como fonte de conhecimento sobre o desenvolvimento humano (WITTMANN; BARBES, 2013).

Earl Barnes entre os anos de 1892 e 1895 realizou experimentos em escolas elementares californianas pedindo a crianças e adolescentes que fizessem ilustrações de uma história infantil, conhecida como *Johnny-Head-in-the-Air*, coletando cerca de 15.000 desenhos (WITTMANN, 2012, p. 130). Warburg conheceu Barnes em 1896 a tempo de levar o mesmo experimento às crianças da nação *Hopi*.

A descrição dessa experiência integra *A Lecture on the Serpent Ritual* de 1939. Antecedente a essa narrativa um destaque "à admirável atividade" do governo americano e da igreja católica pela escolarização, com aparentes resultados, pois as crianças vão à escola em "bonitos ternos e pequenos aventais" e isso pode "denotar progresso", mas haveria uma dúvida ainda quanto a real satisfação das "almas dos Índios que pensam em imagens e para quem a mitologia poética é o verdadeiro paraíso" (WARBURG; MAINLAND, 1939, p. 291). O conto que seria ilustrado era desconhecido pelas crianças, e conveniente

pela imagem de tempestade que continha, já que o interesse de Warburg estaria voltado à representação do relâmpago e à manifestação de traços culturais. Apenas duas crianças teriam desenhado o “irreprimível símbolo da cobra afiado como uma flecha, assim como ocorre na *kiva*” (WARBURG; MAINLAND, 1939, p. 292). Em 1905 esses desenhos teriam sido endereçados a Karl Lamprecht que teria iniciado uma “coleção de desenhos infantis a partir de 1900, “incorporando-os em suas palestras sobre história cultural” (WITTMANN, 2013, p. 135). Lamprecht foi professor de Warburg na Universidade de Bonn entre os anos de 1886 e 1889 (STEINBERG, 1995, p. 79). Georges Didi-Huberman dedica um trecho de “A Imagem sobrevivente” às correlações de pensamentos e interesses de Warburg e Lamprecht, assim como com a “antropologia do tempo” de Edward Burnett Tylor (DIDI-HUBERMAN, 2013). O fundamental conceito de *Nachleben* - sobrevivência - de Aby Warburg teria derivação atribuída ao conceito de *survival* de E. B. Tylor (DIDI-HUBERMAN, 2013; 2002).

Fricções epistêmicas mantendo sobreviventes as minúcias que constituem a ficção de pensamentos, suas leituras e reverberações, instaurando e preservando impedimentos e permissões, em determinação de audiências.

O possível “primeiro impulso” a Warburg rumo ao interesse pelos desenhos infantis como fonte de sobrevivências culturais, teria sido a leitura de *Primitive Culture*, livro de Tylor assumido como referência por Nicholas Mirzoeff durante sua explicitação de um dos “complexos de visualidade”, o imperialismo. O conceito de “visualidade” como exposto por Mirzoeff não indica o conjunto do visível, mas as operações em jogo nas determinações do que pode ou deve ser visto. Três seriam os “complexos de visualidade”: a *plantation*, o imperialismo e o atual complexo militar-industrial (MIRZOEFF, 2016).

Tylor, segundo Mirzoeff, apresentando a “descrição darwinista da evolução da humanidade como existente em tempo real com os ‘primitivos’ separados do ‘civilizado’ apenas pelo espaço” estabeleceu “tipos de humanidade” em disposição hierárquica, determinando para a “civilização europeia (como ele a percebeu)” uma posição de “superioridade em relação” a culturas designadas

como “primitivas” (MIRZOEFF, 2016, p. 755). À “civilização”, “a pequena minoria crítica”, era permitido “visualizar”, ou, definir um “conjunto de classificações, separações estetizações”, enquanto que o “‘primitivo’ ficava encerrado no coração da escuridão produzida pelo esquecimento proposital de séculos de encontro” (Idem). Essa pequena minoria reuniria as “condições para administrar um império centralizado como uma questão prática [...] criando o que Fanon mais tarde chamou de ‘arsenal de complexos’ nos colonizados” (MIRZOEFF, 2016, p. 755).

Tylor descreveu certos tipos de fragmentos decorrentes de estágios iniciais da civilização ou ‘níveis intelectuais mais baixos’ que sobrevivem ou assombram uma cultura mais desenvolvida por ‘mera força da tradição ancestral’. Mas também considerava esses fósseis culturais de grande valor heurístico, uma vez que nos permitem reconstruir estratos mais antigos - portanto, a história - de uma determinada cultura (WITTMANN, 2012, p. 125)<sup>17</sup>.

Aby Warburg teria ido ao Novo México em 1895 para assistir a uma “dança de fósseis” que aconteceria em “toda imagem sobrevivente” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 308). A forma sobrevivente configura-se como reavivamento, como emergências e imersões, desaparecimento e aparição. Trata-se de uma ressurgência que provoca o revolvimento de temporalidades heterogêneas em coexistências improváveis. É a insistência de vida irrompida pela manifestação de uma memória imemorial, numa imagem, como um relâmpago, transformado em serpente: “o símbolo cosmológico imemorial dos hopis vem romper a representação narrativa do conto europeu” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 309). Estava aí, num “desenho inspirado no conto ‘João-nariz-no-ar’”, a “primeira ‘dança dos fósseis’” identificada por Warburg. E nesse mesmo desenho, está o registro e revelação da violência de um processo “civilizatório” que impõem às crianças bonitos ternos, pequenos aventais, e casas em perspectiva “com suas chaminés cúbicas” (Idem).

Warburg em carta ao etnólogo James Mooney atribui seu método a essa viagem de 1895, sentindo-se “profundamente grato a seus índios”, pois sem o “estudo da cultura primitiva deles”, não teria sido possível conferir “uma base ampla à psicologia do Renascimento” (Idem).

Quais seriam os timbres dessas vozes? Quais seriam os timbres das vozes das crianças hopis

que deixaram a Warburg suas cosmogonias? Qual seria o timbre da voz da "garota" de *Laguna* transformada em ninfa-cariátide pelo olhar estrangeiro? Quais timbres reverberamos ao contar histórias? Quais silenciamentos preservamos?

Devolver o timbre a vozes inaudíveis.

Existe um medo apreensivo de que, se o/a colonizado/a falar, o/a colonizador/a terá que ouvir e seria forçado/a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do 'Outro'. Verdades que supostamente não deveriam ser ditas, ouvidas e que "deveriam" ser mantidas "em silêncio como segredos". Gosto muito dessa expressão, "mantidas em silêncio como segredos", pois ela anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar algo que se presume não ser permitido dizer (o que se presume ser um segredo). Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo (KILOMBA, 2016, p. 02).

Vivemos o futuro de um passado que não é nosso. É uma história de fantasias utópicas e idealização apocalíptica. É uma ordem social global patogênica de futuros imaginados construída sobre genocídio, escravização, ecocídio e total destruição. Que conclusões devem ser obtidas em um mundo construído de ossos e metáforas vazias? Um mundo de finais fetichizados calculado em meio à ficção coletiva de espectros virulentos. Dos volumes religiosos ao entretenimento científico ficcionalizado, cada linha do tempo imaginada foi construída de maneira tão previsível; começo, meio e, finalmente, O Fim (INDIGENOUS ACTION, 2022).

## NOTAS

01. Evocando aqui o sentido de *Aktualität*, como tornar-se "ato (*Akt*) de uma potencia" (GAGNEBIN, 2009, p. 204).

02. "Pensamento imagem", "imagem pensamento", ou "imagens de pensamento", são expressões cunhadas para contemplar a difícil tradução da palavra *Denkbilder*. Nela são feitos um, o pensamento (*denk*) e a imagem (*bilder*). *Denkbilder* é o nome de um gênero "indeciso" de prosa aliado da escrita aforística, utilizado por alguns pensadores alemães nos anos iniciais do século XX, dentre eles, Walter Benjamin (BENJAMIN, 2011, p. 7). Suas *denkbilder* são a própria poética da reflexão, revelada e preservada em sua propriedade imagética pela prosa também poética que cria histórias pela recorrência

à memória e seu conduto, a imaginação. Respeitando as devidas diferenças, consideramos essa palavra-ideia-imagem apropriada ao legado de Aby Warburg.

03. A origem, embora sendo uma categoria inteiramente histórica, nada tem a ver com a gênese das coisas. A origem não designa o devir do que nasceu, mas sim o que está em via de nascer no devir e no declínio. A origem é um turbilhão no rio do devir, e ela arrasta em seu ritmo a matéria do que está em via de aparecer. A origem jamais se dá a conhecer na existência nua, evidente do fatural, e sua rítmica não pode ser percebida senão numa dupla ótica. Ela pede para ser reconhecida, de um lado, como uma restauração, uma restituição, de outro lado, como algo que por isso mesmo é inacabado, sempre aberto [...] a origem não emerge dos fatos constatados, mas diz respeito à sua pré e pós-história (BENJAMIN, 2004).

04. A Pueblo is a tribal nation; a body of land under a tribal governmental structure; and a community made up of related people who have similar belief systems, spirituality and lifestyle.

There are 19 Pueblos in the state of New Mexico. They are: Acoma, Cochiti, Isleta, Jemez, Laguna, Nambe, Picuris, Pojoaque, Sandia, San Felipe, San Ildefonso, Ohkay Owingeh, Santa Ana, Santa Clara, Santo Domingo, Taos, Tesuque, Zia and Zuni.

There are 3 language families: Keresan, Tanoan and Zunian. There are 5 recognized language dialects: Zuni, Keres, Tiwa, Towa and Tewa.

Zuni Pueblo has the largest enrolled tribal population in New Mexico with about 10,000 people. Pojoaque and Picuris Pueblos have the smallest populations with around 300 enrolled tribal members each.

There are 23 tribes in the state of New Mexico: 19 Pueblo tribes plus the Navajo (Diné), Jicarilla Apache, Mescalero Apache and Fort Sill Apache tribes.

(...)

The Hopi people are closely related to the Pueblos, more closely to Zuni. Hopi is located in northeastern Arizona. Hopi and Pueblo people share similar beliefs but are independent villages with their own leadership structures.

(...)

The Pueblo Revolt of 1680 was a successful revolution against Spanish religious, economic and political institutions imposed upon the Pueblos. It is the only successful Indigenous uprising against a colonizing power in North America and resulted in the removal of the Spanish from Pueblo lands for more than a decade. The Pueblo Revolt helped ensure the survival of Pueblo cultural traditions, land, language, religion and sovereignty.

Traditional Pueblo art forms include weaving, pottery, drum-making, jewelry and beadwork. Today there are Pueblo artists creating traditional and contemporary work in all genres. Learn more about Pueblo art forms.

05. There are 19 Pueblo tribes in New Mexico, and each Pueblo is a sovereign nation. Today Pueblo people are located primarily in New Mexico, however, at one time our homeland reached into what is now Colorado and Arizona, where we established incredible dwellings and trading centers like those located at Chaco Canyon in northwestern New Mexico and Mesa Verde in southwestern Colorado. Pueblo people have preserved our identity in the face of multiple colonizing nations, and today, as always, we value our identity and traditional ways of life. At the same time we live in modern houses, working and living both on and off our reservations. Our beliefs and actions are still guided by Pueblo Core Values, which include Love, Respect, Compassion, Faith, Understanding, Spirituality, Balance, Peace and Empathy. We continue to participate in our traditional celebrations and ceremonies throughout the year, maintaining our connection to our communities, to our ancestors and to the earth.

06. "The observations on which this lecture is based were collected in the course of a journey to the Pueblo Indians made twenty-seven years ago".

07. "The lecture was delivered in German to a non-professional audience on 25 th April, 1923, and was not intended for publication. It's original title was: 'Reminiscences from a journey to the Pueblo Indians'. As the journey took place in 1896, and as the lecture was meant to convey the author's personal experience, no attempt has been made by the editors to bring the argument into line with more recent research".

08. "I had been anxious to see the Indians under the direct influence of official Catholicism, and a fortune circumstance gave me the opportunity I needed".

09. For more than 2,000 years, the Hopi have lived in the region known today as the Four Corners [...] Its reserve, located in northeastern Arizona, occupies about 1.5 million acres, comprising only a small portion of its traditional land [...] The Hopi lands came under the control of the US government with the Treaty of Guadalupe-Hidalgo in 1848. When the Navajo returned to the area in 1868 after their forced exile to Bosque Redondo, a treaty with the federal government granted them 3.5 million of acres that included their homeland of Canyon de Chelly, about 150 kilometers east of Hopi's tables.

Also at the end of the 19th century, Mormon settlers entered the area and, once the Santa Fe railroad arrived, cities began to appear uncomfortably close to the Hopi villages [...] For the most part, they avoided interaction with US government officials. By the late 1800s, US Indian agents wanted to send the Hopi children to boarding schools, but realized they had no jurisdiction because the Hopi villages were not on established Indian reservation land. On December 16, 1882, President Chester A. Arthur established the Hopi Reservation by Executive Order. In a handwritten document, he set an arbitrary boundary between the lines of 110 to 111 degrees longitude west and 35 degrees 30 minutes to 36 degrees 30 minutes latitude north. The 2.5 million acre reservation did not encompass much of their traditional land, important ceremonial shrines, or their village of Moencopi.

From 1868 to 1934, when the Navajo Reserve grew from 3.5 million to 16 million acres, it surrounded and reduced the Hopi Reserve. Today, the Hopi Reserve occupies just 1.5 million acres.

The arrival of the Santa Fe railroad in northern Arizona in the early 1880s had a profound impact on the Hopi. The Railroad and the Fred Harvey Company realized the lucrative tourist potential of the Hopi Reserve, especially because it is so close to the Grand Canyon [...] The company brought Hopis to the tourist facilities it built in the Grand Canyon Village, on the south shore, employing

people from the reserve to work at Hopi House and perform dances for visitors, but they also took visitors to Hopi villages. The companies offered a variety of excursions that took tourists along the Navahopi Road (built in 1924) to the Hopi Reserve, where they could mix with members of the tribe, buy souvenirs and witness cultural events.

The Hopis adopted a constitution and created a tribal council in 1936. The federal government dissolved the council in 1943 because it was failing to comply with a livestock reduction mandate to deal with the problem of overgrazing. However, the council was reformed in 1951, mainly to create an official government body to deal with mineral and water rights. Although most of the Black Mesa, with its large coal deposits, was in Navajo, the two tribes shared mineral and water rights in the region. In 1963, the Hopis had approved multi-million dollar oil and gas exploration leases for non-Indian companies. In 1966, the Hopi and Navajo tribes signed contracts with the Peabody Western Coal Company for mineral rights on 64,858 acres of Black Mesa. Peabody also gained rights to pump water from the underlying aquifer. The company had 35-year contracts to supply coal to the 1,580-megawatt Mohave Generating Station in Laughlin, Nevada, and to the Navajo Generating Station that will soon open near Page, Arizona. In 1970, the Peabody Coal Company started strip mining at Black Mesa. This electricity helps to power cities and industries in Southern California, Phoenix, Tucson and Las Vegas. While revenue from these operations brings a lot of money and jobs, tribes also suffer from air pollution, environmental degradation and the decline of their precious aquifers and springs caused by mines and power plants.

10. I do so in the hope that the direct evidence of the pictures may carry you beyond my words, and give you some idea of a civilization which is dying out, and of a question which of such paramount importance for our study of civilization in general: what elements are we entitled to call the essential characteristics of primitive paganism?

11. ...] to what extent can these remnants of pagan cosmology still obtaining amongst the Pueblo Indians help us to understand the evolution from primitive paganism, through the highly developed

pagan culture of classical antiquity, down to modern civilized man?

12. The question which Warburg himself posed in his lecture: "Inwieweit gibt dieseheidnische Weltanschauung, wie sie bei den Pueblo Indianern noch fortlebt, uns einen Maßstab für die Entwicklung vom primitiven Heiden über den klassisch-heidnischen Menschen zum modernen Menschen?"

13. "The primitive culture [this phrase changed from " the artistic culture"] of the Pueblo Indians presents the rationalistically decadent European with an uneasy, painful and therefore unwelcome method of decisively destroying his belief in an idyllically mellow fairyland as the universal original home [*Urheimat*] of man before the fall from grace of the Enlightenment" (STEINBERG, 1995, p. 74).

14. "The question mark after the word primitive is Warburg's, and it is a significant signal. His recategorization of the "primitive" developed during the writing of the Kreuzlingen lecture in the spring of 1923" (STEINBERG, 1995, p. 67).

15. "The following paragraph was first restored in the 1988 edition: 'The simulated pantomimic animal dance is thus a cultic act of the highest devotion and self-abandon to an alien being. The masked dance of so called primitive peoples is in its original essence a document of social piety' (*Schlangenritual*, p. 27 )" (STEINBERG, 1995, p. 113).

16. "The decisive factor in the lives of these so-called primitive people may be called a kind of mythical Darwinism of elective affinities" (WARBURG; MAINLAND, 1939: 282). Michael Steinberg (1995, p. 100) comenta esse mesmo trecho em seu texto.

17. "Tylor described certain kinds of fragments stemming from the earlier stages of civilization or 'lower intellectual levels' that survive or haunt a more developed culture 'by mere force of ancestral tradition'. But Tylor also considered these cultural fossils to be of great heuristic value, since they allow us to reconstruct older strata - and thereby the history - of a given culture".

## REFERÊNCIAS

ARIZONA STATE UNIVERSITY. **Hopi Reservation**. Disponível em <<https://grcahistory.org/sites/beyond-park-boundaries/hopi-reservation/>>. Acesso em: 17 ago 2022.

BENJAMIM, Walter. **Origem do Drama Trágico Alemão**. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

\_\_\_\_\_. **Denkbilder**: Epifanias em viagens. Prólogo e Seleção Adriana Mancini. Trad. Susana Mayer. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas ou le gai savoir inquiet**. L'oeil de l'histoire, 3. Paris: Les Édition de Minuit, 2011.

\_\_\_\_\_. **A imagem sobrevivente**: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

\_\_\_\_\_. The surviving image: Aby Warburg and the Taylorian Anthropology. **Oxford Art Journal** vol. 25, n.1, 2002, pp. 59-69.

FREEDBERG, David. **Pathos at Oraibi**: What Warburg did not see. Disponível em <<http://www.columbia.edu/cu/arhistory/faculty/Freedberg/Pathos-at-Oraibi.pdf>>. Acesso em: 17 ago 2022.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: estética e experiência histórica. In: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (Org.). **Pensamento alemão no século XX**: grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil. Coleção Ensaios, v. 2. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

HEINSIUS, Ryan. **Hopi Tribe**: Border Wall Construction Would Block Ceremonial Migration Route. Disponível em <<https://www.knau.org/post/hopi-tribe-border-wall-construction-would-block-ceremonial-migration-route-0>>. Acesso em: 17 ago 2022.

INDIAN PUEBLO CULTURAL CENTER. Disponível em <<https://www.indianpueblo.org/19-pueblos/history-culture/>>. Acesso em: 17 ago 2022a.

\_\_\_\_\_. Disponível em <<https://www.indianpueblo.org/19-pueblos/>>. Acesso em: 17 ago 2022b.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**: uma palestra-performance de

Grada Kilomba. Trad. Jessica Oliveira. 2016. Disponível em <<http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>>. Acesso em: 17 ago 2022.

MICHAUD, Jean-Phillipe. **Aby Warburg e a imagem em movimento**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, Museu de Arte do Rio, 2013.

MIRZOEFF, Nicholas. **O direito a olhar**. ETD - Educação Temática Digital v. 18, n. 4. Campinas, 2016, pp. 745-768. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>>. Acesso em: 17 ago 2022.

INDIGENOUS ACTION. **Repensando o Apocalipse**: um Manifesto Anti-Futurista Indígena - Indigenous Action. Disponível em <<https://www.glacedicoes.com/post/repensando-o-apocalipse-um-manifesto-anti-futurista-indigena-indigenous-action>>. Acesso em: 17 ago 2022.

INDIGENOUS ACTION. **Rethinking the Apocalypse**: An Indigenous Anti-Futurist Manifesto. Disponível em <<https://www.indigenousaction.org/rethinking-the-apocalypse-an-indigenous-anti-futurist-manifesto/>>. Acesso em: 17 ago 2022.

INDIGENOUS ACTION. **Rethinking the Apocalypse**: An Indigenous Anti-Futurist Manifesto. Trad. Roberta Mathias. Disponível em <[https://www.academia.edu/42333891/Tradu%C3%A7%C3%A3o\\_Rethinking\\_the\\_Apocalypse\\_An\\_Indigenous\\_Anti-Futurist\\_Manifesto\\_Readable\\_PDF\\_rethinking\\_the\\_apocalypse-read\\_Printable\\_zine\\_PDF\\_rethinking\\_the\\_apocalypse-PRINT](https://www.academia.edu/42333891/Tradu%C3%A7%C3%A3o_Rethinking_the_Apocalypse_An_Indigenous_Anti-Futurist_Manifesto_Readable_PDF_rethinking_the_apocalypse-read_Printable_zine_PDF_rethinking_the_apocalypse-PRINT)>. Acesso em 30 ago 2022.

STEINBERG, Michael P. Aby Warburg's Kreuzlingen Lecture: A Reading In WARBURG, Aby. **Images from the Region of the Pueblo Indians of North America** Ithaca: Cornell University Press. Disponível em <<http://www.jstor.com/stable/10.7591/j.ctt1g69xgc.6>>. Acesso em: 17 ago 2022.

THE HOPI TRIBE. **Open Letter to Arizona Congressional Leaders**. Disponível em <<https://www.hopi-nsn.gov/hopi-tribe-open-letter-to-arizona-congressional-leaders-jan-2019/>>. Acesso em: 17 ago 2022.

WARBURG Aby; MAINLAND, W. F. A Lecture on Serpent Ritual. **Journal of the Warburg Institute** vol. 2, n. 4, 1939, pp. 277-292. Disponível em <https://bit.ly/3VDBfLr> Acesso em: 17 ago 2022.

WARBURG, Aby. A arte do retrato e a burguesia florentina In: **A Renovação da antiguidade pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu**. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2013.

WARBURG, Aby. **Atlas Mnemosyne**. Madri: Akal, 2010.

WITTMANN, Barbara; BARBER, Christopher. A Neolithic childhood: Children's drawings as prehistoric sources. **Anthropology and Aesthetics**, Nº. 63/64, 2013, p. 125-142. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/23647759?seq=1>>. Acesso em: 17 ago 2022.

WITTMANN, Barbara. Johnny-Head-in-the-Air in America: Aby Warburg's Experiment with Children's Drawings. In: BAERT, Barbara; LEHMANN, Ann-Sophie & VAN DEN AKKERVEKEN, Jenke (Eds.). **New Perspectives in Iconology: Visual Studies and Anthropology**. Brussels: AspEditions, 2012, pp. 120-142.

#### SOBRE A AUTORA

Graduada em Educação Artística/Artes Plásticas pela UNICAMP. Mestre e Doutora em Artes pela ECA-USP, fez pós-doutorado no Program in Art and Art Education do Teachers College, Columbia University. Atualmente é professora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação.

E-mail: rita.luciana@unesp.br